

O idoso institucionalizado e a reflexão sobre a própria morte

Juliana Augusto Soares

Rilza Freitas Silva

Larissa Jardim Rosa

Érica Aparecida Galvão

Raquel Noel Ribeiro

RESUMO: Este artigo discute o significado de morte para idosos institucionalizados. Para tanto, foram realizadas seis entrevistas semidirigidas individuais com idosos moradores da Casa dos Velhinhos Ondina Lobo (São Paulo), de ambos os sexos, com idade superior a 60 anos. Na análise das entrevistas, foram estabelecidas as categorias temáticas velhice, perdas e morte. Observou-se a necessidade de abordagens que favoreçam a reflexão a respeito da morte e da velhice.

Palavras-chave: idoso; institucionalização; significado de morte.

ABSTRACT: *This article discusses the meaning of death for institutionalized seniors. Six individual semi-directed interviews were performed with seniors aged over 60, both male and female, residing at Casa dos Velhinhos Ondina Lobo, in São Paulo. Analysing the interviews, three main subjects were identified: old age, losses and death. It was demonstrated that new approaches that favor reflection regarding old age and death are needed.*

Keywords: *senior; institutionalization; meaning of death.*

O objetivo deste artigo é apresentar temas de discussão levantados com idosos residentes em uma instituição de longa permanência em São Paulo acerca da velhice e da própria morte.

Velhice pode ser caracterizada como uma fase de vida, assim como é a infância, adolescência e idade adulta. Em países desenvolvidos, para que a pessoa seja considerada integrante dessa fase, a Organização das Nações Unidas convencionou como corte a idade de 65 anos; já nos países em desenvolvimento, adotou-se 60 anos devido ao fato de a expectativa de vida média ser menor nesses países (Paschoal, 1996). A pessoa que vive a velhice é nomeada idoso. Cada idoso é influenciado pelo seu curso de vida, considerando aspectos sociais, históricos, econômicos, políticos, psicológicos, biológicos.

A respeito desses aspectos, França (2006) afirma que a velhice é um processo pessoal, natural, indiscutível e inevitável para qualquer ser humano na evolução da vida. Para o autor, há duas formas básicas de ocorrerem mudanças que envolvem essa fase de vida: de maneira consciente e tranquila, reconhecendo o que há de importante nessa etapa de vida para desfrutá-la da melhor maneira, mesmo com limitações, surgindo imagens bem mais positivas da velhice e do envelhecimento, ou com grande intensidade, quando associada à doença e incapacidade, quando os idosos tendem a representar imagens bem negativas da velhice. Tudo depende da relação que a pessoa estabelece com sua própria velhice.

A maioria das pessoas não se prepara para a velhice por diversos motivos. Um deles é que essa etapa está associada à ideia da própria morte, tema relativamente evitado pelas pessoas em todas as faixas etárias na atualidade. A este respeito, Pitta (2003) reflete:

A atitude atual dos homens diante da dor, sofrimento e morte é buscar negá-los como fim do inexorável percurso da vida humana, prolongando esta a não mais poder, através de todos os dispositivos disponíveis nos hospitais, afastando a morte do convívio social, reforçando-lhe sempre o seu caráter de presença incômoda e mítica, e como tal, devendo ser ocultada e distanciada. (pp. 25-26)

Apesar da tentativa de negação citada por Pitta, a morte faz parte do desenvolvimento humano desde a mais tenra idade e acompanha o ser humano no seu ciclo vital, deixando suas marcas (Kovács, 2005).

A experiência de morte e seu enfrentamento ocorrem de maneiras diferentes em cada período histórico. De acordo com Ariès (2003), no início da Idade Média, havia familiaridade com a morte, pois era um acontecimento público: ao pressenti-la, o moribundo recolhia-se em seu quarto e era acompanhado por parentes, amigos e vizinhos para cumprir o ritual de pedir perdão por suas culpas, destinar seus bens e esperar o momento chegar. Não havia caráter dramático ou gestos de emoção excessivos.

Nos tempos atuais, a morte não ocorre em casa, mas em hospitais, unidades de terapia intensiva e é, prioritariamente, acompanhada por profissionais da saúde. Dessa maneira, pode-se observar o afastamento do momento da morte na maior parte das sociedades ocidentais da atualidade. Elias (2001) afirma que a exclusão dos moribundos na sociedade indica que somos mais sensíveis em relação ao sofrimento e ao ritual da morte do que os homens e as mulheres que viveram na Antiguidade e na Idade Média. Explica tal fato comparando os homens contemporâneos aos da Antiguidade: aqueles se identificam muito mais uns com os outros e compartilham seus sofrimentos e morte, ao passo que estes tinham esse sentimento diminuído. A identificação causa nas pessoas desconforto e constrangimento e as leva a se afastarem daqueles que estão morrendo.

Percebemos que Elias enuncia um afastamento físico entre os que estão morrendo e os que estão vivendo. Mas há outra dimensão que pode ser atribuída a tal relação: a simbólica. Kovács (2005) afirma que, atualmente, estamos mais próximos da morte e que isso ocorre devido ao desenvolvimento das telecomunicações, pois a morte se faz presente diariamente em milhões de lares através da televisão, com cenas de morte, violência, acidentes e doenças, tornando-se companhia cotidiana, invasiva e sem limites.

Embora essas mortes estejam tão próximas, ocorre um grave distúrbio na comunicação denominada conspiração do silêncio. Observam-se pais que não sabem se devem falar ou não sobre a morte de um parente próximo, professores que se veem às voltas com perguntas insistentes sobre mortes de ídolos, de pequenos companheiros, de

amigos, e profissionais de saúde que se empenham numa luta de vida e morte contra as doenças, e que, muitas vezes, veem seus empenhos frustrados, e não sabem o que e como falar com seus jovens pacientes e familiares sobre o porquê da não melhora e sobre a possível morte.

Por mais que haja afastamento físico das pessoas que morrem, há situações em que o contato simbólico com a temática se faz presente. Uma dessas situações é a pessoa vivenciar a velhice, ser reconhecida como idosa por outros e perceber ganhos, mas também perdas sociais, físicas e psicológicas. Tendo em vista perdas ocorridas durante toda a vida e as experienciadas na velhice, perguntamo-nos: o que o idoso pensa a respeito da própria morte?

Aproximações com o tema proibido: apontamentos metodológicos

Como chegamos aos entrevistados

Trabalhamos, nesta pesquisa, com seis entrevistas individuais semidirigidas realizadas com três idosos homens e três mulheres residentes na Casa dos Velhinhos de Ondina Lobo.

A instituição, filantrópica, depende exclusivamente de doações de dinheiro, alimento, vestimenta, medicamento, material, entre outros. Localiza-se no bairro de Santo Amaro, na cidade de São Paulo, e abrigava, à época da pesquisa, cerca de 90 idosos de ambos os sexos. São dois os critérios de inclusão na entidade: ter 60 anos ou mais e não possuir renda ou ganhos superiores a um salário mínimo.

Quanto às instalações, os quartos são divididos em oito pavilhões com média de 18 camas de solteiro, cada uma destinada a um residente de maneira permanente. Além disso, os dormitórios possuem guardarroupa coletivos e criados-mudos individuais com trancas, cujas chaves ficam em poder de cada residente. Há dois refeitórios – um feminino e outro masculino – que ocupam uma área extensa e são compostos por várias mesas e bancos para a acomodação de todos os residentes. As refeições são preparadas em uma cozinha industrial. Há áreas ocupacionais

nas quais são realizadas oficinas para realização de trabalhos manuais feitos pelos próprios residentes. Alguns conseguem vender suas criações em feiras e festas organizadas pela entidade.

O quadro de profissionais é composto por médicos do Serviço de Geriatria do Hospital das Clínicas (estão presentes na instituição todas as manhãs durante a semana), enfermeira, assistente social, fisioterapeutas, psicólogos, dentistas, técnicos de enfermagem, massagistas, entre outros. Uma parte desses profissionais é remunerada via doações ou fazem parte do quadro de funcionários de outras instituições, no entanto, muitos são voluntários e estagiários de universidades.

A escolha dos participantes ocorreu da seguinte maneira: inicialmente, as entrevistadoras se ambientaram no local do estudo, conheceram os moradores e propuseram aos mais receptivos que participassem da pesquisa. Além do critério empático e do local de residência, era necessário que os idosos tivessem idade superior a 60 anos e não tivessem o diagnóstico de depressão nem fossem portadores de qualquer tipo de deficiência que pudesse comprometer a leitura e compreensão dos termos da pesquisa (problemas auditivos, visuais, neurológicos, cognitivos).

Após receberem todas as informações quanto ao objetivo e a metodologia, os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no qual ficou assegurado o anonimato das informações contidas nas gravações. Assim, para a identificação dos participantes foram utilizados nomes fictícios.

Uma primeira entrevista foi feita para verificar se as perguntas pré-estabelecidas em um roteiro de entrevista favoreciam a compreensão do idoso. Ao final desta, as pesquisadoras identificaram a necessidade de alterar o roteiro e esclarecer com mais detalhes as questões aos entrevistados. Assim, mais cinco entrevistas foram realizadas, com duração média de 20 minutos. O roteiro final está exposto abaixo:

- 1) O que é velhice? Considera estar nesta fase da vida? Por quê?
- 2) O que significa morte?
- 3) Já pensou na sua própria morte? Por quê? O que sentiu?
- 4) O que acha da sua vida hoje?
- 5) O que espera do futuro?

O porquê da pesquisa qualitativa

O estudo orientou-se pela pesquisa qualitativa, com análise de entrevistas semidirigidas individuais gravadas. Optou-se por esse tipo de pesquisa por favorecer o contato aprofundado com microprocessos, através do estudo de ações sociais individuais e grupais. Por consequência, proporciona a análise complexa dos dados e é caracterizada pela heterodoxia (Martins, 2004).

Como analisamos as entrevistas

O primeiro passo da análise foi ler as entrevistas para definir categorias temáticas a partir das respostas obtidas por meio das entrevistas, a saber, velhice, perdas e morte. Cada um desses assuntos foi reorganizado em subtemas, apresentados abaixo:

Velhice: fase ruim ou triste; processo natural; sinônimo de morte.

Perdas: morte de entes queridos; inatividade.

Morte: tristeza; processo natural; medo.

Em seguida, as entrevistas foram relidas e seu conteúdo classificado tendo como base os temas e subtemas citados. Por fim, os trechos das entrevistas que pertenciam às mesmas categorias temáticas foram analisados conjuntamente, observando-se semelhanças e diferenças nos discursos dos idosos.

Múltiplas compreensões: velhice, perdas e morte

Velhice

Fase ruim ou triste

Ao abordarmos qual o significado da velhice aos idosos entrevistados, três deles a caracterizaram como algo ruim, ressaltando o ócio e a tristeza. Os trechos a seguir apontam para essa compreensão:

A velhice pra mim é quando a gente já está velha, cansada. Que não dá pra fazer mais nada, quando a gente pode trabalhar, fazer algum servicinho é bom. (Ana, 88 anos)

{...} não pode andar sozinho. Eles não deixam a gente sair sozinho porque pode cair na rua, machucar, então eles não deixam. Quando você está bom, você vai onde você quer, você anda, faz o que você quer, tem a cabeça no lugar. A velhice passou a ficar velha, já não pode fazer mais nada, não pode sair sozinho. (Antônio, 63 anos)

Na velhice, o que eu vou fazer, vou falar, né. Eu considero que vai indo pro fim, né? (José, 89 anos)

Processo natural

Dois idosos consideram a velhice como parte do processo natural da vida:

É uma continuação da vida, né? {...} Tem a meninice, a mocidade, a meia-idade, a velhice e quem chega na velhice já é uma pessoa bastante experiente da vida, já não tem aquele apego, nós sabemos o que vai acontecer, mas aceitamos muito bem. (Teresa, 88 anos)

{...} ontem eu fui criança, depois eu sou mocinho e assim vai indo, depois eu estou na terceira idade, depois vou indo. (João, 76 anos)

Observa-se que as respostas dos entrevistados apontam para as maneiras de compreensão da velhice que França (2006) propõe: uma maneira intensa e complicada (fase ruim ou triste) e outra tranquila (processo natural).

Sinônimo de morte

A velhice pode aproximar a perspectiva da morte. Mesmo com o aumento da expectativa de vida da população humana, viver é um processo finito. De acordo com os entrevistados, essa finitude passa a ser mais decisiva com a chegada da velhice.

{...} eu penso assim: que a pessoa, enquanto é novo, tem que correr contra o tempo, fazer o ele puder fazer, tudo de bom porque, olha, ficou velho é estar se aproximando da morte. É triste, muito triste, não é fácil, não. (Antônio, 63 anos)

É a gente tem hora que a gente pensa isso. Tô ficando velho, um dia eu vejo uns ir e um dia também eu vou. Porque os dias vai passando, o mês vai passando e os anos vai indo também né. E a gente vai completando, vai passando. Eu passei quantos anos já até aqui né? Tô indo pra 90. (José, 89 anos)

Perdas

Morte de entes queridos

O avanço da idade traz, entre outros temas, a vivência de perdas não necessariamente relacionadas a doenças e suas consequências (Kovács, 2005). Além das perdas vividas na infância e adolescência, morrem pessoas próximas ao idoso que pertencentes à sua faixa etária, tais como cônjuge, amigos e familiares.

Perdeu tudo porque meus pais morreram, nós éramos tudo criança. {...} eu sou a do meio, tinha sete anos, tinha dois mais novos e dois mais velhos. Os dois mais velhos já morreram, morreram logo e os mais novos foram se distanciando, morando com os padrinhos, muda daqui, muda dali. Perdi e nunca mais encontrei. (Ana, 88 anos)

Eu acho a perda muito dolorosa porque é o seguinte: eu perdi minha mãe, depois, perdi meu pai aí, então, eu chego à conclusão de que não é uma coisa muito boa. (Maria, 73 anos)

Fui casado uma vez, aí a minha esposa, o trem de ferro matou ela aqui na Cidade Dutra, eu perdi {...} eu perdi a minha mãe, eu perdi meu avô, minha avó. (Antônio, 63 anos)

{...} morreram minhas irmãs, meu marido já tinha morrido há muito tempo. Meu neto estudando, meu filho casou, muito bem casado, graças a Deus. E aí eu falei “e agora, como eu vou ficar?” (Teresa, 88 anos)

Inatividade

Outro ponto analisado em relação às perdas foi a incapacidade para realizar tarefas. Segundo os idosos, tal característica os entristece por estar relacionada à inutilidade.

{...} já tô velha mesmo, né. Não vou fazer falta, já estou velha, o que vou fazer se não dão serviço pra gente? Quando a gente tem saúde, tem boa vontade de trabalhar, de sair, aí tá bom. (Ana, 88 anos)

{...} aí, depois que eu fiquei assim, com esse problema, eu não pude mais fazer nada, não pude mais trabalhar e, pra mim, foi uma tristeza. Até então, enquanto eu trabalhava, a vida era importante, depois que eu fiquei desse jeito, passou a não ser importante mais porque eu não pude fazer o que eu fazia antes, que era o serviço de pedreiro e que eu agradava todo mundo. (Antônio, 63 anos)

Morte

Tristeza

Ao perguntarmos qual o significado da morte aos idosos, a maioria mostrou-se incomodada, associando a morte à tristeza:

A morte eu não gosto muito, eu acho que a morte, pra mim, eu considero a morte, assim, muito triste. (Maria, 73 anos)

Morte? Um assunto que não me agrada, não, viu, bem? Não gosto de saber que as pessoas morrem, viu. (Teresa, 88 anos)

Processo natural

Entre os idosos entrevistados, dois entendem a morte com naturalidade, ou seja, um evento que se faz presente na vida de todo ser humano.

*{...} é o fim de todos nós. (João, 76 anos)
 Você sabe que cada dia que passa é um dia a menos na nossa vida,
 então a gente sabe o que vai acontecer mais a gente não prevê nada disso
 porque pode morrer uma pessoa com 10 anos, pode morrer uma com 100.
 Então, vamos tocando o barco, o dia que for, será, né? (Teresa, 88 anos)*

Medo

Medo e velhice apontam morte e sofrimento como mistérios da história humana. Ao analisar cinco entrevistas de idosos do Rio Grande do Sul, Frumi e Celich (2006) observam que seus entrevistados entendem que a morte é um fato, no entanto, têm muita dificuldade para assumi-la como algo pertencente à natureza humana. Já a maioria dos nossos entrevistados, por outro lado, não mencionou temer a morte:

*Não, eu não tenho medo da morte não. Já está na hora, eu já estou velha. {...} Já vivi bastante. (Ana, 88 anos)
 Não, não tenho medo, não. (João, 76 anos).
 Eu tinha muito medo de gente que morria sabe? Pra mim, nossa, era um martírio quando eu via um caixão, assim, perto de mim eu tinha muito medo. {...} aí eu fui ver que a morte faz parte da vida.
 (Antônio, 63 anos)*

Reflexões sobre o morrer

No dia seguinte, ninguém morreu. O facto, por absolutamente contrário às normas da vida, causou nos espíritos uma perturbação enorme, efeito em todos os aspectos justificado, basta que nos lembremos de que não havia notícia nos quarenta volumes da história universal, nem ao menos um caso para amostra, de ter alguma vez ocorrido fenómeno semelhante, passar-se um dia completo, com todas as suas pródigas vinte e quatro horas, contadas entre diurnas e nocturnas, matutinas e vespertinas, sem que tivesse sucedido um falecimento por doença, uma queda mortal, um suicídio levado a bom fim, nada de nada, pela palavra nada.
 (José Saramago, 2005)

Voltando à pergunta que orientou esta análise – o que o idoso pensa a respeito da morte – a resposta mostrou-se deveras heterogênea. Há múltiplas compreensões a respeito da própria morte e seus temas adjacentes: velhice e perdas.

Acerca das definições de velhice, encontraram-se as seguintes posturas: fase ruim ou triste; processo natural; sinônimo de morte. Sobre as perdas enfrentadas pelos idosos durante a vida, trataram de questões como morte de entes queridos e inatividade. Quando questionados sobre o assunto morte, alguns entrevistados demonstraram incômodo e tristeza associados a falas curtas; outros a entendem como um processo natural, tratando do tema com tranquilidade. Assim, fica explícito que os entrevistados não temem a morte.

Observou-se que há múltiplas agregações possíveis nos discursos dos entrevistados em relação aos temas e subtemas abordados. Por exemplo, Ana (88 anos) pode considerar a velhice uma fase ruim e triste, mas não associá-la a morte, por outro lado, Antônio (63 anos) e José (89 anos) as relacionam. Outra ilustração, a respeito do tema morte, aparece com Tereza (88 anos) que, mesmo percebendo-a como um processo natural do processo de vida humana, demonstra tristeza.

Dessa maneira, percebe-se que não há uma fórmula pré-estabelecida sobre como as pessoas entendem a sua própria morte, velhice e perdas. Há caminhos que podem ser considerados contraditórios, como o de Tereza ou como o apresentado pelo escritor José Saramago, cujo trecho encontra-se citado no início deste item: não há mortes e a vida eterna se exhibe, não há mais o medo da morte, pois ninguém morre; no entanto, tal notícia causa pânico. Para compreendermos, tanto a ficção do autor português como a realidade de Tereza, Ana, Maria, João, José e Antônio e outros idosos precisamos nos aproximar deles, ouvi-los e escutá-los, vê-los e enxergá-los. Com tal postura, veremos que as contradições são o de menos e o que há de verdadeiramente importante e humano são as vivências em qualquer fase da vida.

Neste trabalho, buscou-se aproximar de associações que idosos institucionalizados apresentam acerca de velhice, perdas e morte, embora não tenhamos estabelecido o objetivo de exaurir tal investigação. Daí o caráter reduzido das questões, do tempo de entrevista e dos entrevistados.

A múltipla possibilidade de recortes e versões teóricas acerca do tema central – a própria morte – indica para a necessidade de estudos semelhantes que poderiam contribuir para o aumento do mosaico que tem se formado sobre assunto tão heterogêneo e pouco estudado.

Referências

- ARIÈS, P. (2003). A história da morte no Ocidente. Rio de Janeiro, Ediouro.
- ELIAS, N. (2001). A solidão dos moribundos seguido de envelhecer e morrer. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- FRANÇA, L. S. (2006). Quando o entardecer chega... o envelhecimento ainda surpreende muitos. Disponível em: <<http://www.guiarh.com.br/pp46.html>> Acesso em 25 maio 2007.
- FRUMI, C. e CELICH, K. L. S. (2006). O olhar do idoso frente ao envelhecimento e a morte. Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano. Passo Fundo: 92-100 , jul/dez.
- KOVÁCS, M. J. (2005). Educação para morte. Psicologia: ciência e profissão, v. 25, n. 3, set.
- MARTINS, H. H. S. (2004). Metodologia qualitativa de pesquisa. Educação e pesquisa. São Paulo, v. 30, n. 2, maio/ago. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022004000200007> Acesso em: 09 outubro 2007.
- PASCHOAL, S. M. P. (1996). "Epidemiologia do envelhecimento". In: MATHEUS, P.N. (org.). Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada. São Paulo, Atheneu.
- PITTA, A. M. F. (2003). *Hospital: dor e morte como ofício*. 5 ed. São Paulo, Annablume/Hucitec.
- SARAMAGO, J. (2005). As intermitências da morte. São Paulo, Companhia das Letras.

Data de recebimento: 10/8/2008; Data de aceite: 9/12/2008.

Juliana Augusto Soares – Enfermeira, ex-aluna Uninove, aluna do curso de especialização em Gerontologia pelo Centro Universitário São Camilo. E-mail: juliana_1enf@hotmail.com

Rilza Freitas Silva – Enfermeira, ex-aluna Uninove. E-mail: rfenfermagem@hotmail.com

Larissa Jardim Rosa – Enfermeira, ex-aluna Uninove. E-mail: lary19_enfermagem@yahoo.com.br

Érica Aparecida Galvão – Enfermeira, ex-aluna Uninove. E-mail: eagalvao@hotmail.com

Raquel Noel Ribeiro – Psicóloga e professora, mestre em Psicologia Social pela PUC-SP, Uninove. E-mail: raquelnribeiro@gmail.com